



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.7, jan./jun.2010



LITERATURA COMPARADA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Kelvin dos Santos Falcão Klein
(Doutorando — UFSC)

SAUSSY, Haun. (Ed.). *Comparative Literature in an Age of Globalization*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2006.

De seu surgimento oficial no século XIX, quando recebeu um nome próprio e prerrogativas específicas, até a eclosão da Segunda Guerra Mundial, a literatura comparada ampliou seus domínios e mapeou seu potencial campo de atuação. Esse mapeamento articula tanto um reconhecimento de campo quanto uma superficialidade de procedimento, dado o caráter enciclopédico e inventariante de grande parte da produção comparatista deste período. O foco analítico recaía sobretudo em um desdobramento contrastivo da história da literatura, ainda inscrita em um contexto de pesquisa de fontes e influências, teleológico e hierarquizante. Os cantos obscuros das literaturas marginais serviam de jogos de salão para o embate erudito de acadêmicos europeus e norte-americanos, e o resgate controlado desses discursos, num movimento que se pretendia iluminista e democratizante, só fazia reforçar o essencialismo vigente. Disso decorre o exaustivo estudos de temas e motivos recorrentes em literaturas de diferentes

países, um procedimento epidérmico de identificação que é cultivado por si só, sem posterior instrumentalização dessas descobertas.

A segunda metade do século XX ofereceu a esperada dissecação desse processo, quando teóricos desenvolveram métodos que não apenas revisitavam esses caminhos como exploravam os discursos críticos produzidos por esses caminhos. O relatório da Associação Americana de Literatura Comparada, publicado em livro com o título de *Comparative Literature in an Age of Globalization*, é o mais recente balanço desse processo. Ainda não traduzido ao português, este livro, publicado pela editora da Universidade Johns Hopkins, de Baltimore, traz importantes artigos na área da Literatura Comparada, reunindo a produção de professores e pesquisadores dos principais centros de ensino do mundo, em um esforço conjunto para realizar uma ampla radiografia do estado atual da disciplina Literatura Comparada. Na primeira parte do livro, estão presentes Haun Saussy, com o ensaio "Exquisite Cadavers Stitched from Fresh Nightmares"; David Damrosch, com o ensaio "World Literature in a Postcanonical, Hypercanonical Age"; Emily Apter, com o ensaio "*Je ne crois pas beaucoup à la littérature comparée: Universal Poetics and Postcolonial Comparatism*"; Richard Rorty, com o ensaio "Looking back at 'Literary Theory'"; Djelal Kadir, com o ensaio "Comparative Literature in an Age of Terrorism"; David Ferris, com o ensaio "Indiscipline"; Françoise Lionnet, com o ensaio "Cultivating Mere Gardens? Comparative Francophonies"; Gail Finney, com o ensaio "What's Happened to Feminism?"; Steven Ungar, com o ensaio "Writing in Tongues"; Caroline D. Eckhardt, com o ensaio "Old Fields, New Corn, and Present Ways of Writing about the Past"; Christopher Braider, com o ensaio "Of Monuments and Documents"; e Fedwa Malti-Douglas, com o ensaio "Beyond Comparison Shopping". Na segunda parte do livro, estão presentes Katie Trumpener, com o ensaio "World Music, World Literature: A Geopolitical View"; Caryl Emerson, com o ensaio "Answering for Central and Eastern Europe"; Roland Greene, com o ensaio "Not Works but Networks"; Linda Hutcheon, com o ensaio "Comparative Literature: Congenitally Contrarian"; Zhang Longxi, com o ensaio "*Penser d'un dehors: Notes on the 2004 ACLA Report*"; Jonathan

Culler, com o ensaio "Comparative Literature, at Last"; e Marshall Brown, com o ensaio "Multum in Parvo; or, Comparison in Lilliput". Acompanharemos nesta resenha, brevemente, os pontos principais de dois dos artigos presentes neste livro.

Richard Rorty, em seu artigo "Looking back at 'Literary Theory'", observa que dois pensadores, oriundos da filosofia, contribuíram, com seus trabalhos, para a abertura epistemológica do campo da teoria da literatura, e conseqüentemente da literatura comparada. Foucault e Derrida foram responsáveis pela colocação de novas perguntas na pauta comparatista, consolidando um afastamento do árido horizonte preconizado pelos formalismos vigentes e a Nova Crítica. Seus trabalhos iniciais renovaram a teoria cultural articulando um movimento duplo muito raro: os detalhes do discurso afloram quanto mais se estende o espectro arqueológico de análise.

Em Foucault e Derrida - e nesse ponto ocorre a mutação daquilo que se conhecia como prática comparatista - o resgate do discurso estabelecido, histórico, é realizado com foco nos não-ditos, buscando suas lacunas, como faz Derrida com Rousseau e Foucault com Leclerc e certos historiadores medievais. Mais do que uma constatação, é realizada uma intervenção, que reconhece o passado como textualidade, como oscilação do sentido e como domínio de luta. A lógica derrideana do suplemento é um aporte filosófico que reconfigura a crítica textual e expõe a malha intertextual, portanto comparatista, que forma todo e qualquer discurso.

A trajetória posterior desse projeto é verificável em obras como as de Linda Hutcheon (presente no livro com um artigo intitulado "Comparative Literature: congenitally contrarian"), que se ocupam das relações entre historiografia e ficção. Ou seja, trata-se do percurso acadêmico que vem, ao longo das últimas décadas, se ocupando da abertura dos discursos hegemônicos e tradicionalmente relacionados à categoria de Verdade, já que, ainda com Derrida, buscam a "análise de um recalque e de uma repressão histórica da escritura, desde Platão." (DERRIDA, 2005, p. 180). O sintoma do recalque é a metáfora.

É dessa ruptura que surge uma nova feição para a literatura comparada e essa face é reproduzida nos artigos presentes no relatório da ACLA. Em linhas gerais, o comparatismo, em seu início e primeiros movimentos, inseria-se em um projeto ontológico, uma tautologia reificante identitária: o que é a literatura comparada?, o que define a literatura comparada?, a literatura comparada existe de fato ou é apenas um nome diferente para a mesma coisa? A definição agora oscila e o modelo ontológico foi abandonado, dando lugar a um pragmatismo, um funcionalismo epistemológico, onde o comparatismo não é fixado, mas articulado: como funciona em dado contexto?, que ferramentas são mais adequadas?, qual o exato alcance da literatura comparada em tais questões?, são alguns dos questionamentos possíveis nesse contexto.

É possível constatar essa oscilação produtiva do sentido do ato comparatista na afirmação de Richard Rorty de que "like selves, academic disciplines have histories, but no essences." (SAUSSY, 2006, p. 66). As histórias, articuláveis, são o contraponto para a essência, que é fixa. As histórias que formam uma disciplina são frequentemente reescritas, o que é centro vira margem e vice-versa: segundo Rorty, esse deve ser o norte da produção intelectual, "we should rejoice in the mutability and fashion-proneness of academic disciplines" (SAUSSY, 2006, p. 66), a redistribuição das ferramentas e a abertura de novas janelas. A fuga da essência estanque está nesse movimento contínuo de reescrita, que deve repercutir na prática crítica, na renovação dos conceitos. A teoria contemporânea deve articular-se com aquilo que diz o texto na contemporaneidade, em seu transbordamento para a esfera do presente. Como afirma Rorty: "no healthy humanistic discipline ever looks the same for more than a generation or two." (SAUSSY, 2006, p. 67), reforçando que o apego excessivo a teorias unilaterais engessa currículos e a formação do saber e do capital humano perde em dinamismo.

A produção artística e teórica contemporânea reforça a fragmentação da valoração: não há teleologia no campo dos objetos culturais e tampouco rumamos para a unificação, a harmonia ou a derradeira compreensão universal. A literatura comparada cresceu e floresceu sobre o signo da *Weltliteratur* de

Goethe, e hoje se arrasta sob o peso da mundialização, da globalização e da homogeneização mercantilista regada com toques publicitários de exótico. São momentos análogos que carregam em seus bojos, guardadas proporções e alcances dos respectivos projetos, contundente supressão da alteridade. Crítica e ficção, hoje, parecem ganhar em relevância quando destoam desse projeto, o que constitui mais um argumento na radiografia da mudança ontologia x pragmatismo, reforçando a não-linearidade da tradição literária.

De forma que o comparatista não está mais diante de blocos fixos, fora de ordem e imóveis, que aguardam o arranjo definitivo e a compreensão ideal. O comparatista está diante de objetos culturais complexos, que esteticamente dizem de si, e que são também discursos do silêncio e da verborragia, documentos da cultura e da barbárie, processos de produção e recepção atrelados aos seus contextos. Antes forçosamente liso e imaculado, o objeto cultural é considerado em suas marcas e sulcos.

Marcas que também revelam uma multiplicidade de caminhos: a literatura não está de forma alguma sozinha no campo da expressão artística, divide espaço com realizações tradicionais e suas atualizações modernas: a pintura, o cinema, as novelas, os seriados, a internet e os dispositivos de interação cibernética, cada vez mais avançados. A abertura do campo artístico, na observação de Jonathan Culler (em artigo intitulado "Comparative Literature, at Last"), deve reforçar mais o *literário* do que o *comparatismo*: "As the site of study of literature in general, comparative literature would provide a home for poetics" (SAUSSY, 2006, p. 240). Em um tempo de ampliação das áreas de estudo, que passam a abarcar objetos culturais distintos do texto literário, a literatura comparada esboça uma diferenciação ao permanecer no literário, reconhecido como "transnational phenomenon".

A questão do literário e do estético sempre retorna, oscilando do centro para a margem continuamente. No presente, duas correntes desenvolvem-se simultaneamente: uma corrente que investe em uma suspensão do texto literário, trabalhando com fenômenos culturais que só tangenciam a literatura; e uma segunda corrente, que trabalha no interior dos textos. Essa última

desdobra-se, por sua vez, entre aqueles que procuram as obras enquanto sintomas de um contexto específico, e aqueles que investigam a representatividade estética das obras. A obra como sintoma, sem dúvida o posicionamento mais popular, é o cerne dos estudos pós-coloniais.

O comparatismo torna-se, assim, infinito. Toda ideologia subjacente é passível de revisão e análise, e pode-se partir da ideologia (ou do sistema de ideias por trás do crítico ou do romancista) para a obra, ou até - e frequentemente - mais de uma obra, em um rosário de sintomas. Isso tudo porque nome é destino, e *comparatismo* é, de saída, um termo sistematizador, estruturante. Quando estabelece um padrão, é hierarquizante e parcial. Quando não fixa um referencial, é infundado e amadorístico. O caminho é, então, verbalizar as filiações, para que não haja termos implícitos nos interstícios da comparação, trabalhando em seus diferentes níveis, reconfigurando-a à medida que se configura. Certo comparatismo contemporâneo teme atrelar-se a discursos críticos que toquem, mesmo que brevemente, em pontos de imposição, parcialidade e imposição. Pisa em ovos em sua própria casa, perdendo pouco a pouco o rigor e o vigor.

Essa situação é fruto do contraste entre as literaturas ditas centrais, hegemônicas, eurocentristas, orientalistas, e as literaturas periféricas e marginais, com todos os seus movimentos de repulsão e atração. Culler afirma que o ganho para a literatura comparada está em considerar "the literature of the world as a repertoire of possibilities, forms, themes, discursive practices" (SAUSSY, 2006, p. 246). Um campo aberto para inflexões críticas diversas, mas que se mantenha literário. A literatura como foco permite que questões fundamentais como gênero, violência fundacional e identidade sejam abarcadas epistemologicamente, com um ganho institucional mais do que como acerto de contas setorizado.

E volta-se, dessa forma, à discussão inicial sobre a mutação epistemológica da literatura comparada: mais do que temas e motivos, é fundamental a análise das repercussões discursivas dessas literaturas mundiais, e suas idas e vindas nas diferentes tradições de que fazem parte, seja via

geografia, via língua ou via intertextualidade. Esse é, sem dúvida, o campo contemporâneo da literatura comparada, que deve permanecer *literatura* e construir-se à margem de uma ideia topológica de identificação temática, promovendo, por sua vez, uma sobreposição criativa dos diferentes espaços literários. Uma literatura mundial que não busque homogeneização na recepção e na reordenação interpretativa, mas que busque, sim, uma compreensão da complexidade de seus processos, nunca redutíveis a um único padrão de comparação.

Referências bibliográficas

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SAUSSY, Haun. (Ed.). *Comparative Literature in an Age of Globalization*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2006.

Resenha recebida em 22/06/2009 e publicada em 13/04/2010.